

# DIAMANTINO MARTINS E A FILOSOFIA EXISTENCIAL FRANCESA

Maria de Lourdes Sirgado Ganho\*

## Resumo

A comunicação que apresentamos centra-se na sua obra intitulada *Existencialismo*. Nesse sentido, tomaremos como referência, para a nossa reflexão, a seguinte afirmação de Diamantino Martins: “existio, logo existe o mundo, logo existe Deus”. Dado que não é possível, no âmbito desta apresentação, referir todos os autores com os quais dialoga e interpreta, iremos pôr em evidência o diálogo com dois filósofos paradigmáticos do existencialismo francês. Em diálogo a partir da frase que destacámos, mencionaremos a sua atitude filosófica frente à filosofia existencialista atea de Jean Paul Sartre, que critica e rejeita, bem como à filosofia existencial cristã de Gabriel Marcel, que é objecto de uma sua reflexão, numa atitude de aproximação e aceitação, e que integra no seu modo de filosofar. Uma espécie de diálogo triangular - Diamantino Martins / Jean Paul Sartre / Gabriel Marcel - mostrará a dimensão existencial do pensamento do filósofo que homenageamos, pondo em evidência que esta dimensão toma em linha de conta a leitura atenta e penetrante de São Tomás de Aquino, uma das referências do seu pensar.

----- // -----

---

\* Universidade Católica Portuguesa - Lisboa

## Introdução

Como interpreta Jean Paul Sartre?

Diamantino Martins, na sua obra *Existencialismo*, começa por afirmar, de um modo muito claro, que não é do existencialismo de Jean Paul Sartre que se propõe tratar. Contudo, ao longo da sua obra não deixa de estabelecer um diálogo com este filósofo, com a intenção de situá-lo relativamente à sua própria concepção de existência, existente e mesmo existencialismo. De facto, critica o seu existencialismo ateu, em que na sua compreensão, Sartre nos apresenta o homem como “naufrago”<sup>1</sup> e como um ser “só”, condição essa que o encerra na existência. Encontramo-nos, portanto, perante um ser “fechado nela”<sup>2</sup>.

Assim sendo, se queremos caracterizar o pensamento sartreano, tendo em consideração as achegas de Diamantino Martins, estamos perante uma concepção de existencialismo em que Sartre descreve o homem como um ser livre e responsável por essa liberdade e, simultaneamente, incorporado num universo sem sentido. Ora, esta descrição, segundo o autor que estamos a homenagear, mostra que “tudo está deslocado no mundo sartreano”<sup>3</sup>, pois a liberdade conduz à “absurdidade” e à “náusea”, sendo esta que revela, num registo literário e existencial, a experiência daquilo que é contingente. E contingente porquê? Fundamentalmente, porque se a existência não tem sentido, no universo sartreano, então, segundo Diamantino Martins ela é concebida com o “um borrão sem sentido”<sup>4</sup> e, deste modo tudo é gratuito, tudo é injustificável, de tal maneira que o absurdo exprime o sentimento deste desajustamento entre o homem como existente e o mundo que lhe permanece como irreduzível.

É por esta razão que na obra *A Náusea* faz a seguinte afirmação,

---

<sup>1</sup> Diamantino Martins, *Existencialismo*, Braga, Livraria Cruz, 1955. Esta obra será citada, daqui para diante, com a sigla E. Neste caso, E, p.19.

<sup>2</sup> E, p.20.

<sup>3</sup> E, p. 22.

<sup>4</sup> E, p.24.

que será central no contexto da obra: “existir, é estar aí, simplesmente”<sup>5</sup>, sem se interrogar, escolhendo a inação que está aliada ao sentimento de angústia, sendo este compreendido como a tomada de consciência de uma liberdade que é escolha para o ser, mas que é, ao mesmo tempo, nada. Sendo a existência um nada entre dois nada, o homem que se sente causa de si mesmo, devido à liberdade, ele que não tem um antes e um depois, ou seja não possui uma essência, uma natureza, perante a morte tudo se detém, e a sua essência, então, cristaliza-se aí e o homem reduz-se, como refere Diamantino Martins, como sendo tão-só “o conjunto dos seus actos de ser”<sup>6</sup>. Considerando Sartre o homem como causa de si mesmo, então, quer tornar-se Deus<sup>7</sup>, e o seu erro é, nesse sentido, colocar Deus a nível do finito.

Mas, se assim é, como é possível conceber a existência? Para Sartre ela é vivida e descrita, dando particular atenção ao sensível, pelo que, segundo o filósofo que homenageamos, estamos com a filosofia de Sartre perante “a vida espiritualmente mutilada”<sup>8</sup>.

Uma consideração nos seja permitida, desde já, verificamos, pelo que foi exposto, que o existencialismo de Sartre, ainda que apresentado de uma forma pouco aprofundada, pois essa não era a sua intenção, não o entusiasmou, pois quer na concepção de existência, como escolha a que o homem está condenado, quer na compreensão do outro como o “nosso inferno”, quer mesmo no encontrar-se frente ao mundo em que o absurdo emerge, Sartre não confere a essas experiências uma centelha de positividade, bem pelo contrário, na náusea faz a experiência da angústia, da má fé, da vida inautêntica. Diamantino Martins é um optimista, ainda que não esqueça o trágico da existência, e é um cristão, a sua compreensão da

---

<sup>5</sup> Sartre, Jean Paul, *La nausée*, Paris, Gallimard, 1938, p.181.

<sup>6</sup> E, p.29.

<sup>7</sup> E, cf. p.26.

<sup>8</sup> E, p.39.

dinâmica existencial tem de ser fundamentada de um outro modo.

Com Jean Paul Sartre encontramos-nos, sem dúvida, não perante o verso e reverso da existência mas tão-só frente ao reverso, pondo em evidência aquilo que no homem é mais redutor e sem sentido. Por isso mesmo, percebemos a intenção de Diamantino Martins, que de algum modo subscrevemos, de mostrar que não é esta concepção de existencialismo e de filosofia existencial que estará presente no seu modo de compreender esta problemática que traça o rumo da nova filosofia, nesta época. A sua intenção é mostrar a raiz cristã do existencialismo, desvalorizando a filosofia de Sartre, porquanto não lhe descortina a centelha de elevação espiritual do homem, na união da alma e do corpo e na sua relação com Deus. Podemos afirmar, numa espécie de chavão: Sartre é o seu antípoda. Ora, isto não significa que se não reconheça a Sartre traços de lucidez filosófica, análises profundas da realidade humana, mas muito centradas no sórdido, no conflito, na descrição daquilo que na existência é o “reverso”.

Como já foi mencionado, Diamantino Martins não esquece este reverso, mas como Gabriel Marcel, filósofo de quem se sente muito perto, procura evidenciar sobretudo o “verso”. Nesse sentido, é luminosa a sua descrição da existência e dos existentes, bem como do existencialismo. As suas críticas a Sartre alimentam-se da atmosfera da época, porquanto uns seguiam Sartre incensando o seu génio criador, a sua inovação filosófica, outros distanciavam-se, não desejando ser apelidados de existencialistas para não serem confundidos com as teses expostas, preferindo considerar-se filósofos da existência, ou de uma filosofia existencial, tal é o seu caso, como o de Gabriel Marcel. Aqueles que criticam Sartre viam-lhe as lacunas, a ausência de um horizonte conferidor de sentido, onde o amor e a esperança emergem no aqui e agora do existir, situado, não à maneira de uma coisa, mas na pujança de uma matriz originária.

A existência poderá ser concebida como um nada, que vem do nada, para ao nada voltar? Ou será, que a podemos compreender de um

outro modo, no sentido de a considerar um dom, algo outorgado ao homem, pela qual é responsável e que lhe compete, mediante a concretização em obras ir realizando, com vista a um horizonte que estando presente no humano transcende o próprio humano. São bastantes as referências de Diamantino Martins a Santo Agostinho, relativamente à relação interior entre o homem e Deus, numa dinâmica existencial.

Mas, então, podemos interrogar de novo, qual a sua concepção de existencialismo?

### **1. Diamantino Martins**

A sua reflexão sobre a filosofia de Sartre tem como intenção re-colocar a questão, em função da sua própria concepção, por isso o título do capítulo da sua obra e onde interroga: “o que é o existencialismo”? E a resposta, numa linha de orientação é a seguinte, “uma certa arte de filosofar”<sup>9</sup>, uma exposição indirecta que não é susceptível de ser reduzida a conceitos, ou seja, um outro modo, novo se assim se pode dizer, de questionar filosoficamente. Por isso afirma: “a filosofia existencial implica reconhecer que o existir está correlacionado com o ser e o conhecer”<sup>10</sup>, de tal modo que “ser autenticamente” permite “conhecer autenticamente”. O existente é esse “ser-no-mundo”, de algum modo indefinível, mas ser-no-mundo, autenticamente, que permite exhibir o que somos, distinto do que temos<sup>11</sup>.

Na analítica existencial não estamos perante o mundo dos objectos, mas dos sujeitos, o homem é ser, é ser-para-a-morte, mas é, fundamentalmente, “ser-para-ser-sempre” (12), ou seja embora mortal aspira e acredita na imortalidade da alma.

---

<sup>9</sup> E, p.43.

<sup>10</sup> E, p.44.

<sup>11</sup> E, cf. p.47.

<sup>11</sup> E, p.49.

Mas, então, como concebe a existência? Partindo da atmosfera própria do pensamento de Gabriel Marcel, Diamantino Martins procura, a partir da vivência fundamental da existência, identificar as implicações filosóficas dessa mesma vivência fundamental. Segundo o seu modo de pensar, trata-se de descrever a existência, apreendê-la na sua radicalidade última.

O ser hominal, ou seja, a existência na sua orientação para o que a transcende, permite compreender o existencialismo, mas enquanto marcado pelo dado cristão. O nosso ser só a pouco e pouco se vai revelando a nós mesmos, o nosso ser é perspectivado, então, como sendo, na sua compreensão de “o ser como ser-para-sempre, constitutivo da nossa existência como ser-no-mundo”<sup>13</sup>. Ora, isto significa que existir autenticamente implica aceitar que somos seres no mundo, mas não é suficiente esta verificação, porquanto existir não é tão-só sendo, existir é também pensar e ser. Afirma, deste modo a existência como algo que nos foi dado, é um dom, lugar de relação com o mundo, com os outros e com Deus<sup>14</sup>. Por isso a existência exige fundamentação e transcendência. E neste percurso há que ter em consideração as “camadas existenciais do ser humano”<sup>15</sup>. Como nos diz, “entre o *Da-sein* da nossa vida ordinária e a pura *Existenz* da nossa vida autêntica, há lugar para todas as gradações”<sup>16</sup>, em que o sentimento de angústia, o temor perante a morte, o fracasso e todas as formas da finitude humana se insinuam e deixam o seu traço.

Mas, central na sua reflexão, é a afirmação “existio, logo existe o mundo, logo existe Deus”<sup>17</sup>. Contra Sartre e na linha de Gabriel Marcel, a filosofia da existência é uma filosofia da abertura, da relação, vista no verso e no reverso das suas experiências. Se nos podemos centrar nas experiên-

---

<sup>13</sup> E, p. 54-55.

<sup>14</sup> E, cf.p.62-63.

<sup>15</sup> E, p.60.

<sup>16</sup> E, p.60.

<sup>17</sup> E, p.67.

cias de relação, não é menos verdade que a secessão das consciências é uma ameaça permanente. Mas o seu espírito otimista, cristão, não esquece que na sua compreensão, a existência é também uma filosofia da esperança, do amor, enfim, da abertura a vários níveis. Assim, a sua filosofia existencial implica, também, a consideração de uma metafísica existencial e, seguindo Garcia Morente, a metafísica da existência corresponde a uma metafísica da vida levada ao seu fundamento último <sup>18</sup>.

Para a ontologia existencialista atea (de que Sartre é o grande expoente), ser é sinónimo de ser finito, ser temporal. Mas a sua metafísica da existência cristã (como a de Gabriel Marcel e muito em sintonia com este filósofo), coloca a questão: será que não podemos pensar, existencialmente, o ser infinito? A resposta é clara: sim “mas temos, para isso, que ampliar os quadros existencialistas” <sup>19</sup>. Trata-se de distinguir entre ontologia e metafísica, considerando que ontologia (cujo paradigma está na filosofia de Sartre) é a descrição fenomenológica do *sendo*, como ser-para-a-morte, finito sem Transcendência; enquanto a metafísica (cujo paradigma está na filosofia de Gabriel Marcel e na sua própria) pensa o ser finito mas “sobe” “dos seres ao Ser”, a Deus <sup>20</sup>. Deste modo, acentua-se a relação entre os seres e o Ser, e está aqui implicada a dimensão pessoal, pois como nos menciona, a primeira grande descoberta da filosofia existencialista foi o conhecimento pessoal, na dupla vertente: o homem como *sendo*, que se vai constituindo como pessoa, na relação aos outros e ao Deus pessoal, a que Gabriel Marcel chama TU Absoluto, Pessoa <sup>21</sup>.

A referência ao existente como realidade pessoal, a fazer-se, implica o reconhecimento da experiência fundamental de relação do eu ao tu, ou seja, a pessoa é abertura ao outro e, nesse movimento de descen-

---

<sup>18</sup> E, cf. p.85.

<sup>19</sup> E, p.87.

<sup>20</sup> E, p.89.

<sup>21</sup> E, cf. p.95.

tramento do eu para o outro capta-se o fundamento radical, como relação ao deus pessoal que “Não se experimenta, evidentemente, a Deus, mas experimentam-se os efeitos de deus, o seu agir em nós, agir que nos leva à sua aceitação na nossa vida”<sup>22</sup>. Nesta relação triádica eu-tu-Deus mostra-se como o isolamento e a dor não são originários, embora digam acerca da realidade existencial. Mas, em nome daquilo a que Gabriel Marcel apelida de *recolhimento*, ou seja, o entrar em si mesmo, como descoberta da riqueza da nossa interioridade como potencializadora da acção no mundo. Por isso nos diz: “nós não somos só nós”<sup>23</sup> e, em seguida, refere o espaço do “encontro”, como experiência fundacional, que é tão cara a Gabriel Marcel e que significa que há que distinguir entre sentir e pensar abstratamente.

Nesse sentido, e a propósito desta distinção, refere o seguinte: “sentir alguém é conhecer uma existência humana intuitivamente, por experiência concreta, no seu agir em nós”<sup>24</sup>. Há aqui um claro apelo a uma valorização da vida interior, onde os outros eus habitam na consciência e onde a relação é marcada por ser uma relação entre sujeitos e não entre um sujeito e um objecto. Tal facto significa que não estamos no domínio da objectivação, mas das relações que têm muito de indizível, de inefável, em que a fronteira entre sentir e pensar se atenua, até porque o pensar aqui não é o pensar objectivante.

Mas, então, qual o método para aceder a esta compreensão da existência, na sua articulação com o Ser? Na esteira de Gabriel Marcel, Diamantino Martins já tinha feito referência à necessidade de distinguir pensamento pensado de pensamento pensante, sendo o primeiro o responsável pela objectivação, enquanto o pensamento pensante permite

---

<sup>22</sup> E, p. 97.

<sup>23</sup> E, p. 101.

<sup>24</sup> E, p. 114-115.

captar a existência na sua autenticidade. Verdadeiramente, esta distinção corresponde à diferença entre reflexão primeira (objectivante) e reflexão segunda (subjectivante), que Gabriel Marcel tão bem tematizou e que subjaz a esta reflexão levada a cabo por Diamantino Martins <sup>25</sup>.

Mas, o Jesuíta não segue servilmente Gabriel Marcel, pois a sua faceta tomista vai conduzi-lo a afirmar que a “metafísica existencial implica a metafísica do ser, mas não se reduz formalmente a ela” <sup>26</sup>. Se assim é, qual a pré-compreensão? A questão tinha sido tratada entre as páginas 107 e 111 desta obra quando, a propósito da compreensão de uma metafísica existencial, Diamantino Martins considera a filosofia de São Tomás de Aquino como estando mais próxima de uma filosofia da existência do que de uma filosofia da essência. Esta é, também, a interpretação de Gilson, por exemplo, Deus, Ser Absoluto é Acto Puro, ou seja existência, e cada ser particular tanto mais perfeito é quanto mais se assemelhar a esse Acto Puro, portanto quanto mais existência for relativamente à essência. Por isso refere: “Mas só Deus é perfeitamente; os seres finitos, os seres, as *res* podem realizar-se indefinidamente; são uma realização contínua” <sup>27</sup>. Assim, considera, com São Tomás de Aquino que nenhum ser criado é perfeito, é acto puro, o homem é um ser *in fieri*. Além disso é necessário articular ser e pensar e a esse respeito menciona: “A doutrina de São Tomás não deixa dúvidas a esse respeito”<sup>28</sup>.

No capítulo intitulado “Posição existencial do homem no universo”, O filósofo faz uma referência clara à importância do homem como realidade pessoal, detentor do poder de escolher. A escolha é um acto

---

<sup>25</sup> A propósito da distinção entre “reflexão primeira” e “reflexão segunda”, cf., por exemplo, a obra de Gabriel Marcel, *Positions et approches concrètes du mystère ontologique*, introd. Marcel de Corte, Louvain/Paris, Nauwelaerts/Vrin, 1949, considerada como o seu discurso do método.

<sup>26</sup> E, p. 115.

<sup>27</sup> E, p. 107-108.

<sup>28</sup> E, p. 109.

matricial da pessoa, porém, esta possibilidade de optar implica duas atitudes: uma, em que se opta pelo finito sem mais (Jean-Paul Sartre); outra, em que se opta pelo finito na sua relação ao Infinito. Esta última é a sua aposta, bem como a de Gabriel Marcel, numa atitude existencial, perto da concepção tomista. Nesse sentido afirma: “Talvez seja só na hora da morte que se realiza, na sua plenitude, a nossa estruturação existencial”<sup>29</sup>, numa atitude de consentimento relativamente à existência, pois esta não nos foi imposta, antes, mediante a criação, foi-nos dada como acto de amor, embora tenhamos de reconhecer o “carácter dramático da existência”<sup>30</sup>, até porque sendo uma existência temporal o homem é um *fieri* contínuo que lhe permite, pela noção de projecto conferir um sentido à existência. Projecto, não no sentido que Sartre lhe atribui, mas antes de realização autêntica, na abertura à alteridade e ao Absoluto. Entenda-se a autenticidade como o aceitar sermos “plenamente nós”<sup>31</sup>. E esta aceitação de nós e do outro, que é marca de autenticidade existencial, é, ao mesmo tempo, recusa do egoísmo e do egocentrismo. Ser pessoa é recusar o individuo que há em nós, é o centrarmo-nos no outro, descentrando-nos de nós mesmos.

Na existência temos o verso e o reverso, por isso Diamantino Martins não aceita a harmonia pré-estabelecida de Leibniz<sup>32</sup>, pois na existência dá-se uma dialéctica de positividade e da negatividade, em que esta última é indicadora do mal em nós, a qual não pode ser anulada mas tão-só compensada. Mas, pela nossa pertença, como seres criados, ao Ser, fundamento existencial na nossa itinerância, somos seres imperfeitos, mas de luz e sombra, sendo que a nossa condição é a de sermos cada vez mais luz, ou seja, enveredar por um processo de espiritualização interior que

---

<sup>29</sup> E, p. 127.

<sup>30</sup> E, p. 128.

<sup>31</sup> E, p. 132.

<sup>32</sup> E, cf. p. 137.

<sup>33</sup> E, p. 141.

se manifesta no exterior, de tal modo que Diamantino Martins nos diz: “é pelo conhecimento e pelo amor que se realiza a plena realização da nossa existência, sendo ‘outros’ e amando os outros em nós”<sup>33</sup>. Mas, em toda esta dialéctica o mistério do homem e o mistério do Ser mantêm-se: “quem sabe dizer o que somos nós e o que é Deus?”<sup>34</sup>. Este mistério é um impulso para o pensar e o ser, marca da finitude e da itinerância, mas com a garantia que esse itinerário é o de um “eu em face de Deus”<sup>35</sup>, onde o amor é matricial.

Contudo, se o ser é mistério, o interrogar metafísico é fulcral – interrogar ser obter uma resposta, pois este interrogar não é desta ordem, não visa a resposta, mas a aproximação ao Ser. De facto, na dinâmica da existência e na sua abertura à Transcendência as mediações são bastas vezes experiências quase indizíveis, inefáveis mesmo, que só a metáfora tem o poder de evocar, tendo como pressuposição o existir autêntico que Diamantino Martins nunca perde de vista na sua meditação.

## Conclusão

A nossa conclusão terá como referência os seguintes capítulos: “O Filósofo Existencialista perante Deus” e “Um Novo Conceito de Filosofia”. No capítulo mencionado em primeiro lugar, Diamantino Martins, tendo como pré-compreensão a distinção marceliana entre mistério e problema, faz a seguinte menção: “A filosofia existencial só pode atingir Deus num colóquio, como pessoa a quem nos dirigimos e com quem falamos. Há problemas acerca de Deus, mas Deus não é um problema”<sup>36</sup>.

Aqui, a noção de colóquio entre pessoas e a Pessoa é central, pois acentua, mais uma vez, a categoria da relação E um pouco mais à frente

---

<sup>34</sup> E, p. 144.

<sup>35</sup> E, p. 146.

<sup>36</sup> E, p. 173.

refere: “Gabriel Marcel faz de Deus considerado como um Tu, um dos elementos necessários do mundo existencial”<sup>37</sup>.

De facto, na atitude existencial, o existente, autenticamente, é sempre da ordem de certo mistério. A relação do eu ao Tu Absoluto, como presença, imanente e transcendente, de raiz agostiniana, permite exibir um existente que também é mistério, e citando Gabriel Marcel refere que esse mistério que habita o homem fará com que permaneça “certa admiração”, a qual é, como nos diz, o princípio da filosofia <sup>38</sup>, em que o existente se vai abrindo ao Ser como mistério <sup>39</sup>.

Embora se socorra de uma tradição que vem, claramente, dos medievais, esta é uma nova forma de pensar, que interroga o Ser, tendo em consideração que este modo de pensar, não objectivante, parte da existência, da sua descrição no verso e reverso da sua realidade ôntica e ontológica, para subir à metafísica. O existente como ser mais, ou seja, nas suas palavras “Transcendência de si para os outros, e de si como se é, para si como se quiser tornar-se. Nesse sentido se diz que o homem é o que quiser ser”<sup>40</sup>. Mas, encontramos aqui com a aposta de Diamantino Martins, formulada do seguinte modo: “se somos para a morte, é porque somos pela morte para uma vida superior” <sup>41</sup>. E esta sua convicção articula-se com a nova filosofia que está preocupada em encontrar Deus, interrogando e estando consciente de que há filosofias do “Deus demonstrado”<sup>42</sup>. Estamos perante a leitura de que, a par do deus dos filósofos, há que encontrar, não só pela razão, mas pelo amor, o “Deus como tremo de uma relação criatural”<sup>43</sup>, partindo do existente, considerado, não

---

<sup>37</sup> E, p. 177.

<sup>38</sup> E, p. 217.

<sup>39</sup> Cf. E, p. 219.

<sup>40</sup> E, p. 266.

<sup>41</sup> E, p. 268.

<sup>42</sup> E, p. 269.

<sup>43</sup> E, p. 270.

como uma paixão inútil como refere J. P. Sartre, mas como um existente autêntico, aberto ao mistério de Ser.

Assim, e de um modo conclusivo, há em Diamantino Martins um claro optimismo filosófico, em que a existência é espaço de encontro a todos os níveis: com o mundo, com os outros homens, com Deus. Acentua a categoria da relação, como já foi referido, aposta na intimidade que se abre em comunicação, invocando santo agostinho, mas interrogando sempre, que é Deus? Como São Tomás de Aquino, e este interrogar do filósofo jesuíta condu-lo a reconhecer o mistério do homem frente ao mistério do Ser. Sem dúvida, afasta-se de Sartre, aproxima-se de Gabriel Marcel, mas o seu interrogar, bastas vezes, está apoiado na sua formação tomista. Assim sendo, uma notal final: que é o homem para Diamantino Martins? Em nosso entender, aquele que *sendo*, ou seja, ser *in fieri*, tem as suas antenas viradas para o que o transcende, abrindo-se, na atitude criatural ao Deus do amor em que, sem descuidar o lugar da razão na reflexão filosófica, sabe que para lá da própria razão se encontram os longos caminhos da oração amorosa.